

Tempo de sabedorias: oportunidade para o Evangelho?

JORGE COUTINHO*

1. Tempo de sabedorias

A sabedoria constitui uma necessidade fundamental do ser humano. É ela que oferece um sentido para a mesma vida. Sábio não é aquele que sabe muitas coisas. Sábio é aquele que verdadeiramente sabe viver a vida como ela deve ser vivida. Por isso a sabedoria não é um saber pelo saber, mera satisfação da curiosidade intelectual; anda sempre ligada ao lado prático, existencial e moral, da vida. É mais propriamente uma arte que um saber. A sabedoria implica ligação ao profundo, ao essencial, ao que na vida constrói e salva e que, em consequência, confere sabor à vida, conjugando-se com a felicidade, como sua garante e portadora. Por isso, na própria Bíblia, o caminho da sabedoria é identificado com o caminho da salvação. Fora da Bíblia, a sabedoria é aquilo que os grandes pensadores buscam para si e para propor aos outros, por essa razão sendo designados por filósofos, isto é, amantes e buscadores da sabedoria (*sophía*), amor e busca que se designa como filosofia (*philo-sophía*).

A esta ligação na vertical, ou entre teoria e prática, acresce na sabedoria uma ligação horizontal. Platão colocava-a no topo das três virtudes da alma tripartida (intelectiva, irascível e concupiscível), como aquela que deve reger as demais (justiça, fortaleza e temperança). Ela é sempre a verdadeira inteligência ou compreensão das coisas. É inteligência no sentido etimológico da palavra

* Universidade Católica Portuguesa – Braga.

(*inter-legentia*, raiz latina de *intelligentia*), sendo por isso também com-preensão: faz a síntese de leitura entre uma pluralidade de situações, de opiniões, de atitudes possíveis, e assim sucessivamente, para ditar a opção e o comportamento que melhor convêm. Por isso é particularmente importante nas pessoas que têm funções de governação ou de julgamento. Assim o sábio Salomão soube ditar a sentença no caso das duas mulheres que se reclamavam da mesma criança (cf. 1 Rs 3, 16-28). Mas este é também, em geral, o caso das autoridades (civis, religiosas, militares, etc.); e, em geral, daqueles que, servindo-se de uma ciência genérica e abstrata, são chamados a dela fazerem aplicação na prática de casos singulares ou concretos, em que múltiplas e diversas coisas devem ser conjugadas na decisão ou na atitude a tomar: médicos, juízes, pastores, confessores, etc. É a sabedoria que faz do exercício da sua profissão ou do seu ministério uma arte.

Por suposto, do que aqui se trata é, não da sabedoria de uma profissão ou de uma função particular, mas da sabedoria da vida na sua totalidade e também em seus setores e instituições fundamentais. Ora, neste âmbito global e nestes setores e instituições, em ambas as componentes atrás referidas há hoje um grande déficit de sabedoria, qualquer que seja a forma dela enquanto sabedoria. Dito positivamente, habitamos um mundo de muita insensatez: nos campos da política, da vida moral, do direito e da justiça, da vida matrimonial e familiar, da própria existência individual das pessoas. Em compensação, assistimos a uma multiplicação das (de pequenas) sabedorias. É um facto relativamente fácil de observar. Um simples olhar de relance pelos «pps» que circulam em rede pelas nossas caixas de correio electrónico o pode ajudar a ver. Muitos deles transportam consigo e oferecem aos destinatários, à maneira de comprimidos, outras tantas sabedorias. Muitos deles até são mensagens de teor cristão. Bastantes não deixam de ter uma certa marca que permite facilmente conotá-los com o que é típico das seitas e novos movimentos religiosos em geral, realidades, aliás, que por si mesmas representam outras tantas ofertas de sabedoria para a vida de muita gente que dela sente a carência. Enfim, muitos são também aqueles que, alheios a qualquer forma religiosa, exprimem a sabedoria em termos próprios de uma sociedade secularizada. Trata-se, em todos os casos, de propostas de sentido (ou, que seja, de simples coordenadas ou referências de sentido) para a vida em geral, ou então para fases ou situações da mesma que é preciso saber encarar e acolher: saber viver, saber ser feliz, saber envelhecer, saber sofrer, saber morrer, saber fazer amigos, saber governar a sua casa e assim sucessivamente.

A pergunta que emerge então espontaneamente é a seguinte: Porquê esta multiplicação de sabedorias no mundo do nosso tempo? Para além dela, ao cristão que se preze da sua fé e sobretudo ao pastor e ao apóstolo da mesma, outras perguntas podem seguir-se, tais como: Que desafios nos está ela lançando, a nós, os crentes que nos reclamamos da sabedoria do Evangelho? Será esta situação uma oportunidade para a (nova) evangelização?

2. Da sabedoria comum às sabedorias individuais

Tentemos primeiro uma resposta à primeira pergunta. Neste tempo da história humana – tempo pós-moderno, como vem sendo uso designá-lo – no espaço ocidental da cultura, todas as grandes referências (sistemas filosóficos, grandes ideologias, credos religiosos, quadros de referência moral, com os seus princípios, verdades, valores...) se encontram em situação de naufrágio. Será que poderíamos detetar uma chave de compreensão abrangente? Várias e diversas têm sido tentadas: morte de Deus, niilismo e relativismo; fim das «grandes narrativas» e cultura do fragmento; era do vazio; etc.

Chantal Delsol, professora universitária e membro do Instituto de França, num livro recentemente publicado¹, tentou um olhar em profundidade. Em seu modo de ver, trata-se de uma viragem na qual o próprio niilismo, curiosamente visto como transitório, e o relativismo, são apenas como o reflexo de uma aparência. O que está aí cada vez mais presente é, antes, a reinstauração de modos de pensar e de viver que foram cultivados no Ocidente nos tempos do paganismo pré-cristão e que sempre têm caracterizado as culturas fora deste espaço ocidental. No lugar das anteriores referências, primeiro das de cariz cristão e depois dos seus secularizados substitutos na cultura pós-cristã (mormente as grandes ideologias), estão, enfim, emergindo e instalando-se novas formas de paganismo e, com elas, como referenciais para a vida, o que a autora designa como «sabedorias» (*sagesses*). Sabedorias são, no caso, modos de as pessoas se arranjam na vida, depois do desaparecimento das grandes referências que provinham da fé religiosa (dogmas religiosos) ou do saber da razão humana (certezas filosóficas ou científicas) ou da simples adesão a esses credos seculares ou sistemas de dogmas que são as ideologias.

O homem pós-moderno, formado (ou talvez antes, fomatado) pelo ideal moderno da autonomia, levou esta ao extremo e cultiva intensamente o individualismo, idolatrando a liberdade. Pouco lhe interessam as grandes referências coletivas. Daí que o fim dos «grandes relatos» ande conexo com a crise das instituições. As ideologias – iluminista, fascista, marxista-leninista, liberal... – tiveram, em geral, uma duração mais ou menos curta, desmascaradas que foram pela própria realidade da vida. O abandono da fé religiosa, com o inerente retorno do paganismo, não se faz sem pôr de parte as grandes referências que aos aderentes advinham do seu credo. Por seu lado, a ideologia que mais projeção teve e mais dificilmente acabará erradicada – a ideologia iluminista do progresso sem fim, com o seu cortejo

¹ Chantal DELSOL, *L'âge du renoncement*, coll. «La nuit surveillée», Les Éditions du Cerf, Paris, 2011.

de benefícios materiais – gerou uma sede insaciável de fruição desses bens: o pragmatismo e o utilitarismo anularam, em muitos, todo o interesse teórico. Vigora de novo o antigo ditado «*Primum vivere, deinde philosophare*», sendo que, em muitos casos o segundo membro do binómio foi simplesmente anulado. É sabido que a chamada «crise da verdade», própria da cultura pós-moderna, não se cinge ao relativismo e ao niilismo. Ela é mais radical e mais grave, na medida em que inclui o próprio desinteresse pela mesma verdade e pelo seu cultivo.

Por isso, se há um denominador comum às grandes mutações em curso no paradigma existencial, individual e colectivo, Chantal Delsol considera que ele pode ser expresso por uma palavra: «renúncia». Renúncia à busca da verdade, mas também a coisas como o progresso, a realeza do homem ou a liberdade pessoal. Em consequência, surgem as substituições: da verdade pelo bem (e, com ele, pela utilidade), dos dogmas pelos mitos, do tempo linear e orientado pelo tempo circular, do monoteísmo pelo paganismo ou pelo panteísmo, do humanismo de liberdade pelo humanismo de protecção, da democracia pelo consenso, do fervor pela lassidão, e assim sucessivamente. No seio de uma tal cultura as pessoas vão-se habituando a viver numa serena resignação, que para os cristãos foi sempre vista como uma traição ao seu Evangelho, mas que para o novo homem pós-cristão é antes considerada como a realização de um velho sonho, sendo parte da sua própria «sabedoria». Diríamos que, depois de um homem de mãos erguidas para o Céu, que foi o homem da Idade Média cristã, e de um homem orgulhosamente centrado no umbigo das suas próprias possibilidades, qual foi o da Idade Moderna e de que seria paradigma o nietzscheano «homem superior» com a sua vontade de poder, vem emergindo, neste tempo que é o nosso, um homem de braços caídos, sem referências seguras, ideais e sem vontade.

A situação parece contradizer o sonho nietzscheano desse homem superior, pleno de vontade de poder, dono e senhor da sua própria vida. Na realidade, porém, o que parece ter acontecido é a realização da antevisão do filósofo de Sils Maria, quando – fundador e inspirador que é do pensamento e da cultura pós-modernos –, no conhecido aforismo 125 de *A Gaia Ciência*, assumindo o facto da morte de Deus, colocava na boca do novo homem daí emergido, em figura de louco de lanterna na mão, questões como estas:

«Como conseguimos esvaziar o mar? Quem nos deu uma esponja para apagar o horizonte inteiro? Que fizemos quando desligamos a corrente que ligava esta terra ao sol? Para onde vai ela agora? Para onde vamos nós próprios? Longe de todos os sóis? Não estaremos constantemente a cair? Para diante, para trás, para o lado, para todos os lados? Haverá ainda um acima, um abaixo? Não andaremos errando através de um vazio infinito? Não sentiremos na face o sopor do vazio?»

Curiosamente, da análise de Chantal Delsol saltam efetivamente à vista múltiplas marcas daquilo que poderíamos chamar o mundo pós-nietzscheano, esse que nos vamos habituando a nomear com o designativo de mundo pós-moderno. Na sua dupla face – de arauto do prometeísmo típico da cultura moderna, até à eliminação do próprio Deus, e de profeta anunciador das funestas e graves consequências disso – Nietzsche será então, efetivamente, o grande marco que demarca o fim da modernidade e o princípio do tempo para além dela.

De homem superior, com uma insaciável vontade de poder, a encarnar em si o ideário nietzscheano, a história do século XX regista um exemplo eloquente na pessoa de Adolf Hitler. Do neopaganismo como novo estilo de vida, a mesma história no mesmo século teve um filósofo por excelência, discípulos de Nietzsche e que aliás se sabe ter tido a sua cumplicidade com aquele ditador: Martin Heidegger. Heidegger e Nietzsche acabariam por se tornar nos dois grandes inspiradores da cultura pós-moderna. Curiosamente, poderíamos dizer que o mundo, humanamente, economicamente e, de algum modo, fisicamente destruído por obra e graça de Adolf Hitler teve, e continua tendo, o seu paralelo no plano cultural com a obra destes dois pensadores. Diga-se sem deixar de reconhecer relevantes contributos positivos que também lhes devem ser atribuídos. Não se define a pós-modernidade, além do mais, como cultura do fragmento? Do mundo humano, económico e físico (sobretudo europeu, mas não só) a insensatez hitleriana não deixou pedra sobre pedra. Do mundo cultural da grande tradição anterior à pós-modernidade, com os seus «grandes relatos» (grande tradição cultural, tradição metafísica, tradição religiosa, ideologias) – que eram, como quer que seja, as grandes referências do sentido para a vida –, de modo semelhante e sobretudo com o primeiro daqueles filósofos, não ficou pedra sobre pedra. O tempo da morte de Deus (Nietzsche) ou do seu escondimento (Heidegger) tornou-se tempo do fim da metafísica e do fim das certezas, virando tempo da hermenêutica (na sua tendência mais radical) e com ela, do relativismo e do niilismo. Toda a convicção é uma interpretação ou um ponto de vista; no fundo, dado que é o homem (cada homem ou mulher) quem faz as coisas serem o que (para ele) são, nada havendo de ser em si mesmo (nem verdade, nem valor, nem bem ou mal, nem sentido), em si mesmo tudo é igual a nada.

Cada um dos «grandes relatos» representava para os seus aderentes a sabedoria. Como viver então depois que eles foram desfeitos e deles, no mar da vida, apenas bóiam agora fragmentados destroços? Parece, de facto, ter razão Chantal Delsol ao constatar, como uma das marcas do tempo que está aí, a multiplicação das sabedorias. Curiosamente, parece estarmos em face de uma contradição, dado que, como já referimos, este tempo é também geralmente visto como de multiplicação e crescimento das mais variadas formas de insensatez. Trata-se antes de um paradoxo, que não de uma contradição. Com efeito, uma coisa é a sabedoria, outra as sabedorias em sua multiplicidade e variedade. Se

a insensatez é a antítese da sabedoria, como atitude generalizada ela convive facilmente com a multiplicidade das sabedorias, como o estrume de um jardim com as flores que o adornam e mesmo que dele se alimentam. É, de facto, a generalizada insensatez que faz germinar a multiplicidade das sabedorias.

A primeira pergunta parece estar assim, no essencial, respondida. A multiplicação das sabedorias é resultado da ausência da grande sabedoria coletiva que representava, para os humanos, cada um dos «graves relatos». Ou, se preferirmos, da sua fragmentação, já que as sabedorias são, como quer que seja, restos, sincreticamente aproveitados, de uma grande sabedoria ou porventura de várias. Situa-se na mesma linha e obedece às mesmas causas fundamentais que estão por detrás do fenómeno da fragmentação das grandes religiões (nomeadamente do cristianismo) e sua proliferação na multiplicidade de seitas e novos movimentos religiosos. A sua subsistência testemunha por si mesma a humana necessidade vital de viver em sabedoria, tal como, no fenómeno das seitas, está subjacente a humana fome do religioso. Na verdade, se a insensatez se apoderou hoje de muitos espíritos e se reflete nos respetivos comportamentos, ela representa sempre uma doença do espírito, um estado patológico portanto. Saudável é viver com sabedoria. Numa outra ordem de categorias – esperança e ausência dela –, Chantal Delsol explica o mesmo quando escreve: «Esperava-se alguma coisa: presentemente teme-se alguma coisa. Quando se sai da flecha-esperança, o que se apresenta muito naturalmente diante de nós é a luta contra o caos, a alternância natural ordem/caos»². Vem à mente o título do conhecido livro de Eduardo Lourenço, *O Esplendor do Caos*³, e as análises que nele faz da sociedade ocidental contemporânea.

3. Oportunidade para o Evangelho?

Encaremos então a segunda ordem de questões atrás formuladas e que são redutíveis a uma só: constituirá esta situação uma oportunidade para uma (nova) evangelização? Busquemos uma primeira achega para a resposta no episódio de Paulo em Atenas.

3.1. A lição do Areópago

O tempo em que S. Paulo andou a irradiar o Evangelho no espaço geográfico e cultural do Império Romano tinha, de facto, para o efeito, algumas

² Id. *ibid*, p. 165.

³ Gradiva, Lisboa, 1998.

analogias com aquele que estamos vivendo. Fisicamente, tratou-se do espaço do oriente e do norte do Mediterrâneo, hoje em boa parte integrado na Europa. Culturalmente, para além das comunidades judaicas da diáspora, o Apóstolo tinha diante de si o paganismo grego e romano. Para a resposta que procuramos tem especial interesse o seu encontro com o paganismo grego, tal como o conhecemos do capítulo 17 do livro dos Actos dos Apóstolos. O relato do autor sublinha a curiosidade de saber, típica dos gregos, o povo onde, precisamente, nasceu aquele gosto pela sabedoria que dá pelo nome de *philo-sophía*. E não deixa de registar que, entre os seus ouvintes no areópago de Atenas, havia alguns filósofos epicuristas e estóicos (Act 17, 18).

Epicuristas e estóicos, juntamente com os ceticistas da Média Academia – a que viriam crescer, entre os romanos, os ecleticistas – representavam, nos séculos do primeiro helenismo, alexandrino (os primeiros), e nos do segundo helenismo, romano (os últimos), outras tantas propostas de sabedoria. É sabido da história filosófica que o tempo do helenismo foi, além do mais, tempo em que se cultivou o ideal do sábio. Esta busca da sabedoria, que era, no caso, uma sabedoria com a tónica na componente prática da respetiva doutrina, tinha por detrás de si, com alguma semelhança em relação aos nossos dias, um certo «fim da metafísica». As grandes metafísicas dos três grandes filósofos atenienses (Sócrates, Platão e Aristóteles) – os três «grandes relatos» filosóficos daquele tempo – haviam passado ao esquecimento após a ruína da *pólis*, por obra do imperialismo de Alexandre Magno. A *pólis*, enquanto cidade-estado, constituía para os atenienses (como para as demais cidades-estado) o quadro referencial para a vida. Usando aqui os termos de Kant, os seus habitantes, perfeitamente identificados com a sua *pólis*, sabiam aí o que podiam saber, o que deviam fazer e o que lhes era permitido esperar. Porém, uma vez derrubada a *pólis*, em favor da *kosmópolis* helenística, o homem ateniense viu a sua identidade desintegrada e sentiu-se desorientado e perdido. O ambiente já não era propício à escuta dos grandes teóricos metafísicos. O que agora lhe interessava era uma sabedoria diretamente orientada para a vida. Daí a emergência e o êxito de várias escolas novas de filosofia, voltadas para a sua busca, com a sua incidência na vida prática – a Ética era a área dominante –, sem grandes preocupações com a especulação teórica e metafísica. O ideal do sábio (*sophós*) substituiu assim o ideal do cidadão (*polítes*). Deparamos então com a oferta de várias sabedorias ou de vários ideais de sábio: o sábio estóico, o sábio epicurista, o sábio ceticista, etc.⁴

⁴ Em pequeno parêntese, seja-me permitido anotar aqui a inversão das coisas relativamente ao tempo atual. Hoje, no mundo secularizado e neopaganizado que está substituindo o mundo cristianizado de muitos séculos, procura-se a cidadania como sabedoria (uma entre as muitas que por aí vogam). A inversão vai no sentido de regresso a um certo paralelismo com o mundo da *pólis* grega. Ela ilustra, em todo o caso, a humana necessidade de referenciais para a vida, agora propostos

Regressando a Paulo no areópago de Atenas, estamos em condições de compreender que a sua proposta evangelizadora tinha à sua frente um auditório de gente ou já identificada com esta ou aquela sabedoria (caso dos epicuristas e dos estóicos) ou que andava à procura de sabedoria. Mais: na sua andança pela cidade, tinha verificado que os atenienses cultuavam uma espécie de último segredo da sabedoria, na figura sem rosto de um deus desconhecido. Na sua interpretação, este deus foi por Paulo facilmente identificado como o Deus de Jesus Cristo. Seria então a hora de o anunciar, alimentando a esperança de que seria Ele, precisamente, aquele que os seus ouvintes careciam de conhecer.

Ora, esta expectativa e esperança, com as poucas exceções que o relato dos Actos regista, foi de facto desiludida. Como termo de comparação com o que se passa no nosso tempo, importaria indagar as razões desta desilusão, ao mesmo tempo que presumir (à falta de melhor) as razões das (poucas, mas efetivas) adesões à sua proposta de sabedoria como a grande sabedoria de que todo o ser humano carece e de que, mesmo inconscientemente, anda à procura. O caso é que a generalidade dos atenienses ouvintes de Paulo não estava predisposta a qualquer atitude que implicasse a fé em verdades da ordem do mistério. Como bons racionalistas, filhos que eram do espírito grego, consideraram como loucura o evangelho anunciado pelo Apóstolo, nomeadamente no que nele se referia à ressurreição de Cristo e à ressurreição dos mortos. Por isso Paulo acabou por sair dali desiludido da esperança que alimentara. Na sua primeira Carta aos Coríntios, far-se-á eco desta desilusão e deste juízo dos atenienses sobre a sua proposta de sabedoria, ao contrapor e sobrepor a «loucura» da sua pregação à sabedoria dos gregos.

Na verdade, Paulo tivera em conta a fome de sabedoria dos gregos, mas não terá atendido suficientemente à sua predisposição para uma sabedoria à medida do homem. É esta predisposição que mostra ter reconhecido *a posteriori*, quando no lugar referido realça a inconciliabilidade da sabedoria cristã com a sabedoria grega e pagã. Aquela é tida por «loucura» por parte desta, exatamente por não ser à medida do humano do homem. Paulo assumirá que, todavia, esse humano é, afinal, usando aqui a expressão de Nietzsche, um «humano demasiado humano», porque o verdadeiramente humano é antes da ordem daquilo que Pascal acabaria por exprimir quando escreveu que «o homem excede infinitamente o homem»⁵. A proposta paulina de sabedoria tivera isto em conta, sem contudo ter em conta que os gregos não estavam predispostos para entenderem esse sobre-humano do homem, isso que, no plano do conhecimento, é da ordem do mistério e, no plano da existência, implica o apelo à ultrapassagem

pela perfeita integração nessa nova «cidade» que é a «cidade secular». Embora não se falando em sábios (mas em cidadãos), de facto é ainda de uma sabedoria que se trata.

⁵ «L'homme passe infiniment l'homme» (Blaise Pascal, *Pensées*, 434).

do demasiado (ou do meramente) humano em direção ao divino e à ordem da graça, sem a qual o homem não pode alcançar aquilo que anda latente no mais profundo das suas aspirações por uma felicidade plena.

3.2. A experiência do presente

Ora, esta alergia ao mistério sobrenatural e a tudo o que, em geral, ultrapassa o horizonte deste mundo e desta vida, é também uma das marcas da cultura do nosso tempo. É sabido que, mesmo entre os que se assumem (ainda) como cristãos, são cada vez mais numerosos os que confessam não acreditar na ressurreição e na vida futura. O espírito do positivismo, reforçado na vida prática pelo materialismo, hedonismo e horizontalismo da vida, continuam a ser notas dominantes da cultura em presença, constituindo um sério obstáculo ao acolhimento do evangelho cristão como fonte de sabedoria. Eles desempenham na cultura presente o papel dissuasor que, no caso dos gregos ouvintes de Paulo, era desempenhado pelo espírito racionalista. Muito especialmente, a cultura hedonista dificulta o acolhimento da loucura da Cruz e suas sequelas na vida. Mas também o materialismo e o horizontalismo da vida tornam difícil acolher a ressurreição e a vida eterna como sentido último da vida terrena.

Curiosamente, este sentido de um humano meramente humano está presente mesmo em grande parte do fenómeno de que se fala como de um «regresso do religioso». Se há, na verdade, uma procura do religioso como fonte de sabedoria, essa procura orienta-se, da parte de muitos, não para a escuta do genuíno Evangelho de Cristo, transmitido pela Igreja, mas para formas de religiosidade que constituem outras tantas formas de sabedoria «na horizontal». É o caso da adesão às seitas e novos movimentos religiosos em geral. Por um lado, como entre os gregos – que se dividiam, conforme o gosto de cada um, pelas sabedorias estóica, epicurista, ceticista, etc. – os aderentes às seitas e aos novos movimentos religiosos em geral não buscam respostas de verdade, com a felicidade por acréscimo. Buscam diretamente a felicidade, cada qual aderindo à religião que lhe parece oferecer-lha com mais garantia. Outros, sem aderirem a nenhuma seita ou movimento concreto, cultivam, com o mesmo sentido, a chamada «religião à lista» ou em autogestão, de mais ou menos sincrética composição pessoal. Em todos os casos, o que se busca são formas de sabedoria para a vida neste mundo, com respostas para seus problemas e com a inerente procura de uma felicidade mais ou menos fácil e imediata: solução de problemas de saúde, de emprego, da vida conjugal e familiar, etc. Longe, portanto, da verdadeira sabedoria do Evangelho, mormente, como no caso ateniense, do Evangelho da Cruz, da morte e da ressurreição.

Além disso, tal como na adoção da «religião à lista», não podemos perder de vista que a cultura contemporânea, entre outras marcas, tem a de um vincado

individualismo. Os indivíduos (não, estritamente, as pessoas) têm hoje toda a precedência sobre as comunidades, com a cobertura do próprio direito civil. Veja-se, por exemplo, o que se passa com as comunidades conjugal e familiar, em que a proteção jurídica é para os indivíduos, que não para as instituições (ignorando, afinal, que são estas que verdadeiramente protegem os indivíduos contra tentações várias de insensatez e, com elas, contra múltiplas sequelas de infelicidade e sofrimento).

Neste contexto, fácil é de ver que o acolhimento do genuíno e inteiro Evangelho cristão como fonte de sabedoria não se averigua, em geral, beneficiado pela fome (ou sede) de sabedoria que todavia se averigua presente e viva no coração das pessoas deste nosso tempo, se por sabedoria se entende a verdadeira sabedoria, acima das sabedorias individuais.

Ainda assim, e uma vez mais à semelhança do que se passou no Areópago ateniense, são de considerar casos de verdadeiras conversões ao Evangelho por parte de algumas pessoas desiludidas da sabedoria do mundo e sedentas da verdadeira sabedoria. O leitor pode facilmente evocar alguns do seu conhecimento. Não são, certamente, fenómenos de massa. São casos mais ou menos isolados. Os evangelizadores devem alegrar-se mesmo assim, cientes aliás de que o reino de Deus é assemelhado por Jesus ao fermento na massa, que não à massa em si mesma toda ela levedada. Com a reserva sugerida pela imagem do fermento, eles são por si mesmos suficientes para pensarmos que, apesar de não devermos alimentar ilusões de êxitos espectaculares, a busca da sabedoria, hoje, pode bem constituir uma efectiva oportunidade e um incentivo para a (nova) evangelização. Haverá sempre quem, no seu íntimo, sinta a mensagem cristã como a sentiu Pedro quando, não desiludido mas observador perante os muitos que «já não andavam com Ele», respondeu a Jesus: «A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna.»

E tal poderá acontecer, não apenas com os que se mantêm discípulos de Cristo e da sua sabedoria, mas também com gente que, tendo-se afastado ou, «sem culpa, ainda não chegaram ao conhecimento explícito de Deus, mas procuram com a graça divina viver retamente» (*Lumen gentium*, 16). Afinal, eles já são das ovelhas de Cristo, daquelas de quem Ele disse: «As minhas ovelhas ouvem a minha voz» (Jo 10, 27) porque «Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz» (Jo 18, 37).